

Folha de São Paulo – 11/09/06 – Caderno Cotidiano

53% dos formados no país trabalham em outras áreas

Pesquisa comparou a profissão de 3,5 milhões de trabalhadores formados em 21 áreas

Para pesquisador, pautados pelo vestibular, jovens deixam de cuidar da formação e se preocupam com a angústia profissional

ANTÔNIO GOIS

DA SUCURSAL DO RIO

Todo ano, milhões de jovens brasileiros se deparam com a difícil escolha de uma carreira ao se inscreverem num vestibular. O que poucos sabem, no entanto, é que muitos provavelmente trabalharão numa área que pouco ou nada tem a ver com o curso escolhido, como mostra um estudo feito pelo instituto de pesquisa Observatório Universitário.

Ao comparar, a partir dos microdados do Censo do IBGE de 2000, a profissão de 3,5 milhões de trabalhadores formados em 21 áreas diferentes, os pesquisadores descobriram que a maioria deles, mais precisamente 53%, está hoje numa profissão distinta daquela para a qual se preparou. A situação varia conforme a carreira. Em enfermagem, o índice é de 84%. Em geografia, é de só 1%.

A baixa correlação entre a área de formação e a de trabalho levou os pesquisadores Edson Nunes e Márcia de Carvalho a definir, no título do trabalho, esse quadro como "A Grande Besteira Educacional Brasileira: um Ensino Profissional que Não se Aplica às Profissões que o Defendem".

Na avaliação de Nunes, coordenador do observatório e presidente do Conselho Nacional de Educação, isso ocorre porque o Brasil escolheu "o pior dos mundos" na elaboração de seu modelo de ensino.

"O Brasil oferece uma educação secundária de péssima qualidade e uma profissional muito precoce, o que faz com que nossos filhos tenham sua vida de estudantes secundários pautada por vestibulares. Meninos de 16 anos já têm que começar a decidir se vão ser médicos ou advogados, o que faz com que deixem de ter uma formação e passem a se preocupar com uma angústia. Muitos serão profissionais frustrados." Nunes defende a tese de que o objetivo maior do ensino superior é preparar pessoas competentes e com formação sólida o suficiente para dominar linguagens que as permitam aprender qualquer profissão.

"O grosso das profissões no setor terciário se aprende em um ano e meio ou dois.

Grande parte poderia ser aprendida em ciclos de pós-graduação curtos. Essa discussão está ausente no debate sobre a reforma universitária proposta pelo governo, que é mais uma discussão de processos de regulação do sistema que de conteúdo e aprendizado", diz.

Para ele, um dos elementos que engessam a educação é a pressão das corporações profissionais para limitar a atuação no mercado, regulamentar as profissões e interferir na definição dos conteúdos ensinados.

"Há 43 profissões de nível superior reguladas por lei e uns 14 pedidos para outras. Essas

profissões respondem pela vasta maioria dos universitários, que estudam hoje para fazer concursos, participar de concorrências ou ter o diploma."

Presidente do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade e ex-presidente do IBGE, o sociólogo Simon Schwartzman concorda com a necessidade de flexibilizar o ensino.

"Em geral, o mercado de trabalho requer uma formação muito menos específica que as carreiras que existem nas universidades."

Diploma em ensino superior garante, em média, salário duas vezes maior

DA SUCURSAL DO RIO

Apesar da forte expansão do ensino superior, a busca por formação universitária ainda se justifica, na avaliação dos pesquisadores do Observatório Universitário, porque a remuneração média de um trabalhador desse nível continua mais alta que a dos demais. Em 2000, a renda média de um trabalhador com graduação era de R\$ 2.157 -mais que o dobro da verificada entre os que tinham somente nível médio (R\$ 931). Com pós-graduação, a renda chegava a R\$ 3.755.

O rendimento do profissional varia muito de acordo com a carreira. Em medicina, chega a R\$ 4.310. Em pedagogia, é de apenas R\$ 1.163.

Além de ganharem mais, em média, os médicos são os que têm mais empregos: 41,9% têm rendimento de dois ou mais trabalhos. Em administração, o índice é de apenas 4,7%.

Procura por emprego

O número de profissionais que estão procurando emprego também varia muito de acordo com a carreira. Em pedagogia e letras, o percentual é de cerca de 9%, um pouco menor do que o verificado em medicina (quase 10%). Em comunicação, no entanto, ele chega a 31%, em administração, a 23,6% e em engenharia, a 19,9%.

Apesar da taxa de desemprego mais alta em algumas profissões, Edson Nunes discorda da tese de que é preciso frear a expansão do ensino superior: "Basta comparar o percentual de nossa população com nível superior com outros países para concluir que não estamos em condições de conversar sobre restrições ao crescimento", afirma. (AG)

"Uso só 10% do que aprendi na engenharia"

DA SUCURSAL DO RIO

Susana Su, 30, engenheira civil, hoje é dona de loja de produtos orientais. Renata de Abranches, 27, psicóloga, trabalha numa agência da Caixa Econômica Federal. Gustavo Furtado, 36, jornalista, atua na gerência de projetos do Instituto Bio-Manguinhos, da Fiocruz.

Os três são exemplos de profissionais que foram trabalhar numa área distinta da de sua formação.

"Quando perguntam minha profissão, não sei se respondo que sou bancária ou psicóloga", diz Renata.

Para Gustavo Furtado, a formação em comunicação o ajuda a lidar com os projetos.

Susana Su diz que consegue aplicar parte do que aprendeu no curso de engenharia civil.

"Acho que uso só 10%, mas a formação ajuda a fazer cálculos para ver se temos lucro ou prejuízo." (AG)

Na área médica, formado segue no setor

Enfermagem, medicina e odontologia são as formações que apresentam maior correlação entre profissão e curso universitário

Já geografia, ciências econômicas, biologia e estatística são os cursos em que menos graduados permanecem na área

DA SUCURSAL DO RIO

Dentre as áreas que apresentam maior correlação entre a profissão atual e o curso universitário, a médica se destaca. Nela, os índices de correspondência entre estudo e trabalho chegam a 84% em enfermagem, a 75,1% em medicina e a 71,3% em odontologia.

O mesmo não acontece em geografia (apenas 1% atua na área depois de se formar), ciências econômicas (9,1%) e biologia (9,8%).

Algumas formações tradicionais também têm baixa relação curso-trabalho, como administração (46,4% seguem no setor), engenharia (33,1%) ou comunicação social (27,7%).

Analisando caso a caso de acordo com a classificação feita pelo IBGE para identificar as profissões pelo Censo, os pesquisadores perceberam, por exemplo, que o número de formados em administração que trabalham como vendedores de loja é quase igual ao de administradores de empresas.

Há também um número superior de formados em engenharia que hoje são dirigentes de empresas em comparação com os que atuam como engenheiros mecânicos. E há mais gerentes de apoio e de produção formados em comunicação do que jornalistas em redações com o mesmo curso.

Embora concordem que é comum pessoas formadas em suas áreas procurarem outros

caminhos, representantes de entidades profissionais defendem a regulamentação por acreditarem que é uma forma de garantir mais qualidade e direitos trabalhistas. O presidente do Conselho Federal de Administração, Rui Otávio de Andrade, diz que a área de atuação do administrador é muito ampla.

"Administração é uma área multidisciplinar e multiprofissional. Muitos se formam e vão trabalhar com turismo ou em hospitais, por exemplo."

Ele defende a regulamentação da profissão que representa com base no argumento de que empresas podem falir e empregos serem perdidos por causa de má gestão. "Essa não é uma defesa corporativa, mas da sociedade", diz.

Falta de vagas

Sérgio Murillo de Andrade, presidente da Federação Nacional dos Jornalistas, afirma que muitos alunos já entram em faculdades de jornalismo com uma situação profissional definida. Ele, no entanto, pondera: "Sabemos também que o mercado não tem aberto novos postos de trabalho para todos os formados."

Roberto Busato, presidente nacional da OAB, diz que o curso de direito habilita o formado a exercer diversas profissões. Ele aponta também o baixo crescimento da economia e o boom de cursos de direito com má qualidade no país como razões que levam muitos advogados que não passam em concursos e exames da ordem a procurar outras áreas.

(ANTÔNIO GOIS)